

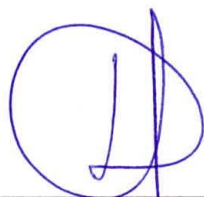
**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE**

ACEITO EM	/	/2022	ATA
APROVADO EM	/	/2022	
REJEITADO EM	/	/2022	
ARQUIVO			

INDICAÇÃO Nº 923 /2022
PROTOCOLADO SOB Nº 7820 /2022
EM 30 / 12 / 2022

Os vereadores abaixo assinados, após ouvida a Casa na forma regimental, **indica ao Executivo Municipal que estude a viabilidade da Criação de um monumento em homenagem à Mãe Emilia de Oya Iajá, em nome dos povos tradicionais de matrizes africanas.**

Rio Grande, 30 de dezembro de 2022.



Profª Diacuiara
Vereadora do MDB



Lary
Vereador do CIDADANIA

VISTO

Presidente



Justificativa:

Rio grande é o berço das tradições da matriz africana. Semelhante à Bahia de todos os santos, referência brasileira no que tange às tradições iorubás, como o candomblé, O Rio Grande do Sul constitui-se como um grande polo no que diz respeito às culturas socioreligiosas de origem africana. O Batuque, religião de culto voltado aos orixás e voduns, é a grande referência de religião afro-brasileira no sul do país (também chamado muitas vezes de afro-gaúcho). Assim como o Xangô de Pernambuco, o Tambor de Mina do Maranhão, o Candomblé da Bahia e o Xambá de Recife, o Batuque é a herança cultural do povo negro escravizado das regiões de Nigéria, Oxobô, Oyó e Guiné, constituindo-se da miscigenação dos povos iorubá, fon e bantu.

A cidade do Rio Grande, a mais antiga do estado, é conhecida pela sua atividade portuária presente até os dias atuais. Por ser a porta de entrada do estado no século XIX, Rio Grande recebeu diversos povos africanos vindos da costa africana, que, na condição de escravos, trouxeram consigo suas cultura e sua fé. Algumas figuras destacaram-se com a chegada em solo rio-grandino, como é o caso da Mãe Emília de Oya lajá:

Emília Fontes de Araujo, Mãe Emília de Oyá Ladjá, era descendente de uma família nobre da África, morou na rua Visconde do Herval em Porto Alegre, era contemporânea de Antoninho de Oxum, porem não tinha ligações de bacia, apenas elos de Nação, segundo informações coletadas junto a Pai Paulinho de Aganjú, Mãe Emília faleceu por volta de 1929

Muito pouco se sabe sobre a história regressa de Mãe Emília de Oyá ladjá, o que se sabe de acordo com a tradição, é que era desentende de um família nobre da África de local e data de nascimento sem referências diretas.

Foi retirada de sua terra natal, de local e data pouco provável, já que os escravos tirados da África não eram tratados diretamente como seres humanos e sim como mercadorias, o que dificulta bastante a identificação de sua origem, já que isso não era tão importante para a época. Todos os relatos que sabe sobre ela, inicia na cidade de Rio Grande, já em sua fase adulta, viveu grande parte da sua vida nesta cidade. Não foi encontrado conhecimento difundido, escrito, que seja conhecido sobre local de nascimento, onde morava e de que forma os seus cultos religiosos aconteciam. Desembarcou em Rio Grande quando veio da África como escrava e na cidade de Porto Alegre onde morou na Visconde Do Herval.

Sem dúvidas, Mãe Emília foi uma mulher forte, em uma época em que muitas mulheres não se expressavam ou tinham receio de se expressar fez valer sua

opinião e deu condições do conhecimento da nação de Oyó existir, mesmo que com muita dificuldade (já que muito se perdeu) até os nossos dias de hoje. Mãe Emília com ficou conhecida, foi responsável por trazer consigo o conhecimento da nação dos orixás, sobretudo de Oyó, e como cultuá-los na cultura gaúcha. Mãe Emília era uma Princesa DO povo Yorubá na Nigéria.

Mãe Emilia teve um percurso muito importante para o estado do Rio Grande do Sul, traçando sua caminhada desde rio grande até Porto Alegre. Porém, foi em Rio Grande que sua tradição permaneceu guardada tal qual foi ensinada, tendo descendentes até hoje de seu legado personalidades vivas e históricas do batuque da nação nagô, como a Mae Auzenda de Iansã, Mãe Glorinha de Oxum, Pai Omiro de Ogum, Pai Tiago de Bará, Pai Gerson de Xangô, entre outros da antiga e da nova geração do batuque.

As docas do mercado público são um símbolo de extrema importância para a comunidade rio grandina batuqueira. Por representar o local de chegada de seus ancestrais, os religiosos depositam ali sua fé e suas oferendas a beira da Lagoa dos Patos, reverenciando as forças da natureza chamada de orixás. Não apenas no âmbito religioso, as docas representam também a ancestralidade do povo negro, uma vez que pelos degraus da escadaria às margens da lagoa, centenas de negros e negras desceram e pisaram no solo da nossa cidade. Tal momento reverberou na formação de inúmeros quilombos pela cidade, alguns em atividade até hoje.

Portanto, Mae Emilia de Oya Lajá, mulher, negra, princesa, líder religiosa e da comunidade, representa toda a luta de um povo que, mesmo escravizado, trouxe a beleza e a cultura africana para o extremo sul do estado. Desembarcada no final do século XIX, Mae Emilia abriu as portas para que hoje, no século XXI, religiosos de matriz africana possam praticar sua fé abertamente.